



9ª SEMANA DE ESTUDO
E LEITURA

e-Book



Sábio

POETA 2020

Com os poemas da
Cidade de São Paulo.

PROFESSOR PSB
ELISEU GABRIEL

o vereador da educação

APRESENTAÇÃO

Após o sucesso da Ação Cultural Jovem Poeta, a 9ª Semana de Estudo e Leitura promoveu a Ação Cultural Sábio Poeta. Dessa vez, os adultos foram o público-alvo do incentivo à leitura.

Por meio de uma plataforma digital, eles foram convidados a participar, a tornarem-se sábios poetas ao enviarem seus poemas – cujo tema foi “A Cidade de São Paulo”.

Recebemos diversos poemas, de todos os cantos do município. Foram selecionados 50, que estão registrados aqui neste e-Book!

Devido à quarentena, imposta por conta da pandemia do coronavírus, a Ação Cultural Sábio Poeta foi de extrema importância para promover e incentivar o estudo e a leitura sem sair de casa.

PREFÁCIO

Quando aprovei a minha Lei da Semana de Leitura, há dez anos, nem pude imaginar o quanto ela seria inspiradora. No início, como formiguinhas, levamos atividades para algumas escolas da cidade. Com os anos, nossa Semana pegou! Chegamos a diversas escolas, CEUs, Centros de Formação, bibliotecas, parques, praças e até mesmo shopping! Levamos teatro, contação de histórias, saraus, troca de livros e muito mais. Crescemos! Lançamos livros! Hoje, temos a parceria essencial das secretarias municipais de Educação e de Cultura. Contamos com o apoio de entidades como ABL, Aprofem, CBL, Sesc e Sinesp e Câmara Municipal de São Paulo.

Realizada anualmente na segunda semana de abril, neste 2020 a Semana de Leitura não aconteceu. Já estava tudo pronto para a sua nona edição. Infelizmente, em razão da pandemia do novo coronavírus todas as atividades foram suspensas. Mas, com o mesmo propósito de proporcionar autoria e protagonismo aos estudantes, transformamos a Ação Cultural Jovem Poeta em uma atividade

totalmente on-line. E deu muito certo! Tão certo que os pais, tios, avós também se sentiram motivados a escrever. Então, assim nasceu a “Ação Cultural Sábio Poeta”, realizada no mesmo modelo, também contemplando o tema “A Cidade de São Paulo”.

Não tenho dúvidas do poder de transformação da Educação. Quem lê tem mais condições de exercer a sua cidadania e atuar de forma mais participativa na sociedade.

Parabéns aos nossos sábios poetas pelo envolvimento e pela qualidade da obra produzida.

Espero que você curta a leitura e que ela venha a ser fonte de inspiração para mais leitores e futuros autores. Afinal, incentivar o estudo e a leitura também é um ato de amor.

Eliseu Gabriel

Professor, vereador, presidente da Comissão de Educação e Cultura da Câmara Municipal de São Paulo e autor da Lei da Semana de Leitura (14.999/09).

Sumário

Benjamin Nunes Pereira	7
Bete Bissoli.....	8
Carlos Thompson.....	10
Carolini Del Duque dos Santos	11
Delcia Rosana Pinatti	12
Dorival Martinez.....	13
Edevaldo Rossi	14
Eduardo Poeta.....	15
Emerson Luis Hirashima	16
Erivelton de Mello Silva	17
Fabício Felix da Costa.....	18
Felipe Rodrigo dos Santos.....	19
Felipe Silva Nascif.....	21
George Antonio Hantke Quintas	22
Gilberto José Bertevello	23
Glafira Menezes de O Corti	24
Gracy Morais	26
Guilherme Chaves.....	27
Hamilton Almeida.....	28
Ildamar Rennó Villela	29
Isabel Cristina Souza	30
Isabella Agulhó da Silva.....	31
Isis Santana de Freitas	32
João Paulo Pinheiro de Paiva.....	33
José Mauro Severino	34
Josivaldo Alves da Silva.....	35
Julia Cunha da Silva	36
Juvenal Rocha.....	37
Kelly Cristina da Silva	39

Sumário

Leandro Ribeiro da Silva.....	40
Lilian Correia Peres	41
Luciene Amor Espin de Jesus.....	42
Manuel de Almeida	43
Marcos Vinícius da Silva.....	44
Maria Celina Lorenzetti	45
Maria Rosane Massafera Toquette	46
Mauro Luis da Conceição José	47
Michelle Bianchi.....	48
Mônica Silva de França.....	49
Pedro Monteiro.....	50
Reinaldo de Oliveira	52
Roberto Gasparetti.....	54
Samara Harumy.....	55
Sheila Bruna Souza da Silva	56
Shirlei Moura	57
Solange Maria Ferraz	59
Talita Coelho	60
Têka Castro	61
Tiago Modesto	63
Zanir D' Oliveira.....	64

Benjamin Nunes Pereira

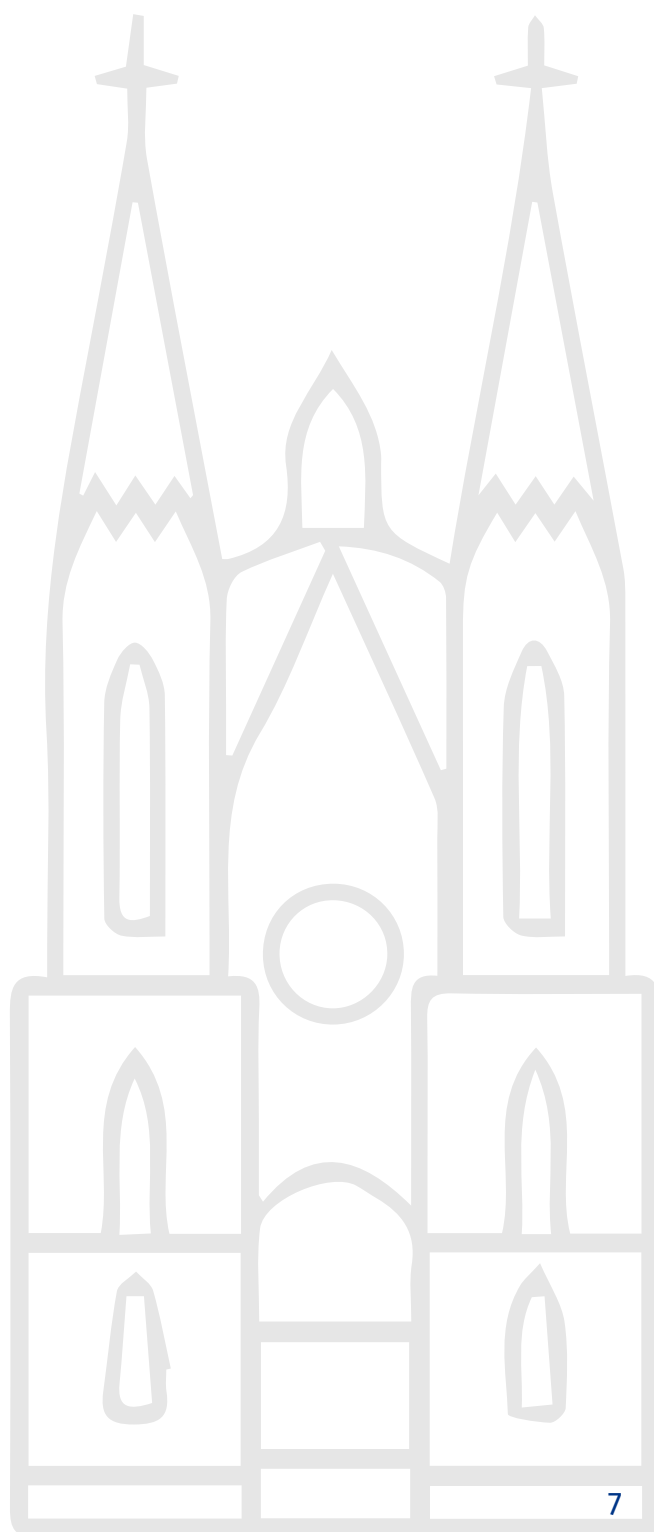
São Paulo querida

“São Paulo, cidade querida
Que abrigou muitos nordestinos,
A qual tem uma nova vida,
Pelo trabalho deste povo fino.

O seu crescimento foi importante.
Com nordestinos e outras regiões,
A sua grandeza é interessante
Perante a muitas opiniões.

Vejo São Paulo como país,
Com sua grande formosura,
Tal qual a moça Taís
E uma população com lisura.

Parabéns a esta capital
Linda e encantadora;
Pelos seus 466 anos, vital
E grande pacificadora.”



Bete Bissoli

São Paulo de toda gente

“De manhã, logo cedinho,
Antes do dia clarear,
O povo já se prepara
Como se fosse lutar.
Nossa vida é uma batalha,
Nem dá tempo de pensar!

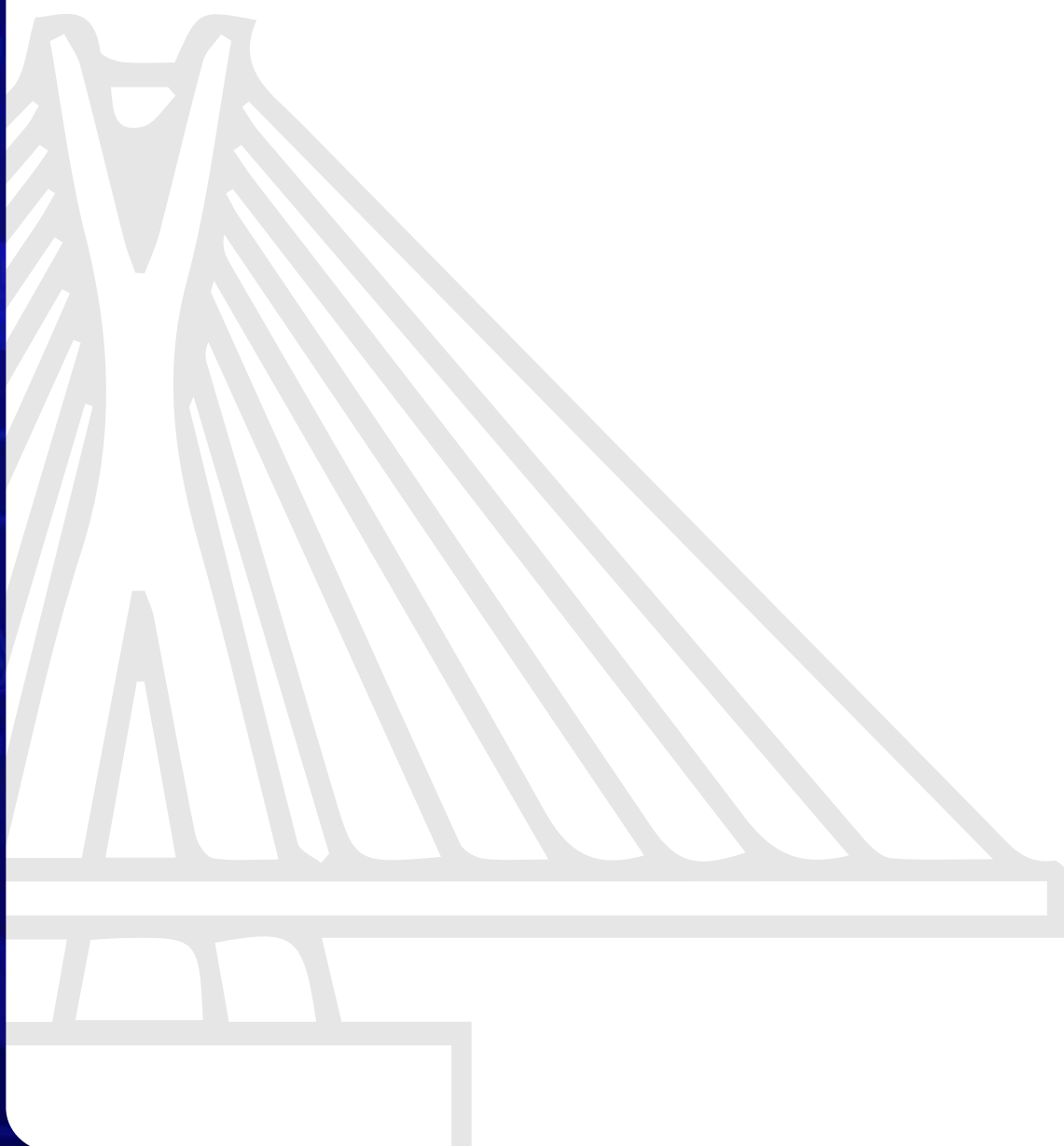
São Paulo de toda gente,
São Paulo de toda cor..
Uma colcha de retalhos resistente,
Sim senhor!
Nestes ‘verso bem caipira’,
Eu declaro meu amor.

Quando a noite está chegando,
Depois da tarde morrer,
Estamos mortos de cansaço
E cansados de sofrer!
Vem a vida e ensina
Que vale a pena viver!

São Paulo de toda gente,
São Paulo de toda cor..
Uma colcha de retalhos resistente,
Sim senhor!
Nestes ‘verso bem caipira’,
Eu declaro meu amor.

Se acaso o infortúnio
Bate no nosso portão,
Todo mundo se socorre,
Todo mundo é irmão.
Esquece do 'corre-corre',
Formando um só coração!

São Paulo de toda gente,
São Paulo de toda cor..
Uma colcha de retalhos resistente,
Sim senhor!
Nestes 'verso bem caipira',
Eu declaro meu amor.”



Carlos Thompson

Pompeia na veia

“A quem pergunta onde moro,
Não respondo ‘em São Paulo’,
Digo: ‘Na Vila Pompeia!’
Lobo na minha alcateia,
Enxergo a luz como Saulo
E, em seguida, me evaporo.

Por estes acasos da vida,
Vim para o berço do rock.
Gosto mais que nhoque
Ou feijoada, Pompeia!
Meu signo na Pauliceia,
Meu começo, minha partida.

O vento sopra e o frio vem.
Leve, sempre leve aqui...
E meu coração, Zona Oeste,
Se fortalece e se reveste!
Daqui parte o meu trem,
Caraíbas com acento no ‘i’”

Carolini Del Duque dos Santos

As feridas seguem abertas

“Todo mundo diz que toda cicatriz só se cura com um remédio: tempo.
Antigamente, na chamada Vila de São Vicente,
De forma completamente pretenciosa,
Nos abriram feridas que fazem parte da história.

As marcas da escravatura seguem abertas, continuam machucando,
Mas ninguém se preocupou...
E mesmo depois de tanto tempo,
As amarras ainda estão presas nos pescoços inocentes.

A cidade da garoa já foi cidade do café.
A realidade era, na verdade, da senzala para a lavoura;
Uma rotina desgraçada, crueldade duradoura.
Muitos anos se passaram sem que falassem de ‘liberté’.

Hoje virou moda andar pela Avenida Paulista,
Dar ‘rolê’ pelo Minhocão, andar na Faria Lima,
Mas ninguém está interessado
Na história do verdadeiro Costa e Silva.

A dívida é grande com todos aqueles que foram sacrificados;
É histórica, inegável e irreparável.
Sigo levantando todos os dias
Tentando ser melhor, tentando honrar suas vidas e suas lutas.

Sigo numa busca incansável,
Procurando por aquele ‘amor que existe em éssipê’.
Até agora não achei, mas uma hora ele aparece.
Ele tem que aparecer...”

Delcia Rosana Pinatti

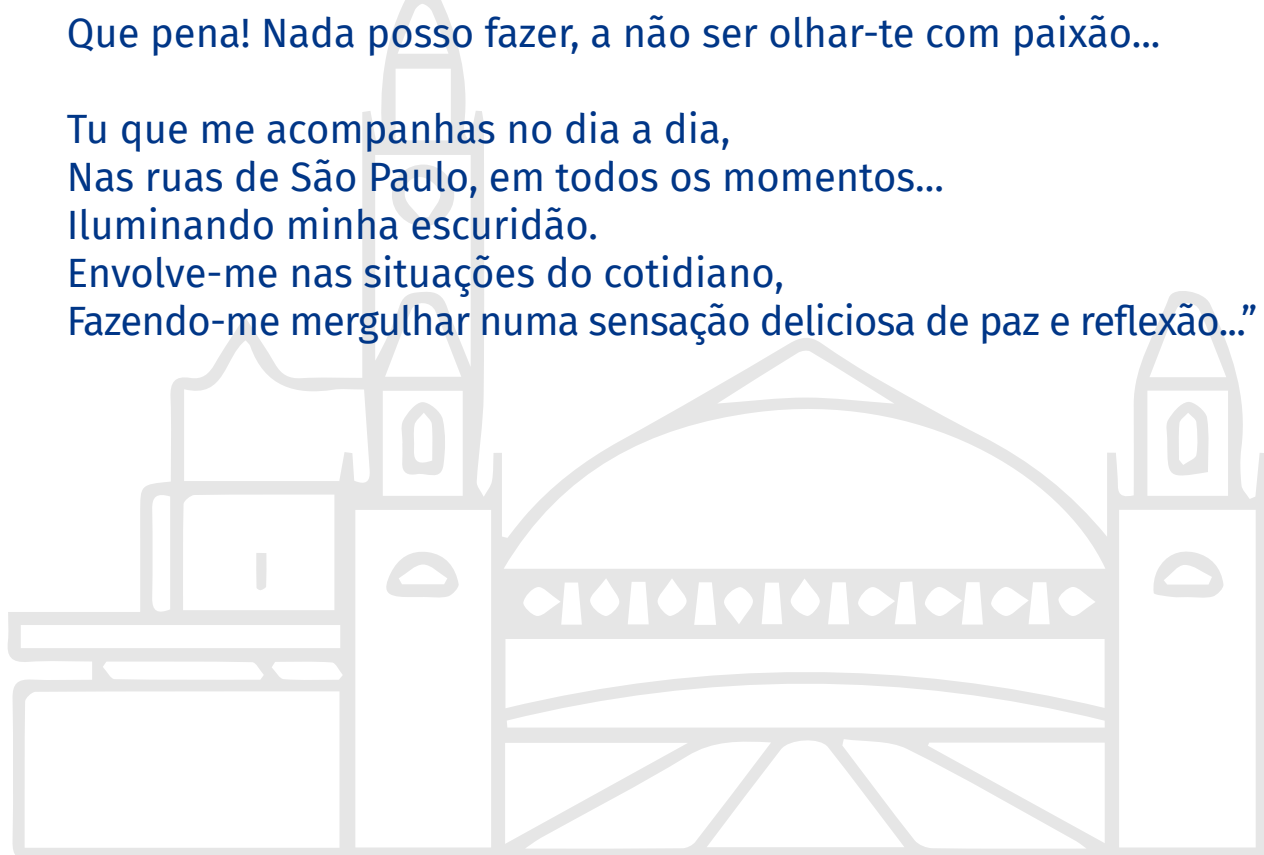
Lua

“Lua, linda Lua,
Como me sinto?
Não sei como me sinto ao ver-te
Tão nua, crua e pura.

Lua, lindo momento
Nesta concepção!
Eu e você...
Lua, este encontro é tão singelo
Que me faz mero ser...

Você tão grande
E eu, como simples formiga, na minha humildade,
Observando tua imensidão.
Que pena! Nada posso fazer, a não ser olhar-te com paixão...

Tu que me acompanhas no dia a dia,
Nas ruas de São Paulo, em todos os momentos...
Iluminando minha escuridão.
Envolve-me nas situações do cotidiano,
Fazendo-me mergulhar numa sensação deliciosa de paz e reflexão...”



Dorival Martinez

São Paulo, *mon amour*

“Como és bela, ó São Paulo!
Nestes tempos de pandemia,
Valha-me Deus, como sofria.
Sentia que, por isto, te perdia.

O bosque, o parque, a praça...
Tudo o que você oferecia.
Além da cultura de graça,
De ternura sempre me enchia.

Ó, amada cidade,
Não és velha pela idade.
As feiras, os cinemas e os shoppings
Sempre vieram de tua bondade.

Quisera eu agradecer aos mestres,
Professores e arquitetos terrestres
Que tu gerastes e nos destes.
Os saberes e a cultura providenciastes.

Termino esta pequena canção,
Não com guitarra ou violão,
Mas com um enorme prazer no coração,
Pois te amei no meio da Avenida São João!”

Edevaldo Rossi

Tributo a São Paulo - sonho ou realidade

“Somos todos intelectos.
Organizados em sectos sociais,
Não sofremos quaisquer desafetos.
Homens, mulheres, plantas e animais:
O que queremos, temos, ou seja, a paz!

Orgulho da nação brasileira,
Uma joia pura, verdade verdadeira.

Ritmos descompassados e alucinantes
Envolvem a todos: nativos e imigrantes.
Arrebatais, conquistais, sois gigantes!
Liberdade praticas a todo instante.
Ainda com muitos problemas sociais,
Derrota não faz parte de seus anais.
Antes de tudo, equalizas, demonstras querer
Depender de teus filhos, enobrece teu ser.
Entre eles, confesso amar-te demais.”

Eduardo Poeta

Local: Centro da cidade

“Mais uma batida de carros...
Confusão!
Local: Centro da cidade.

Mais uma pessoa assaltada...
Violência!
Local: Centro da cidade.

Crianças cheiram cola...
Sem futuro!
Local: Centro da cidade.

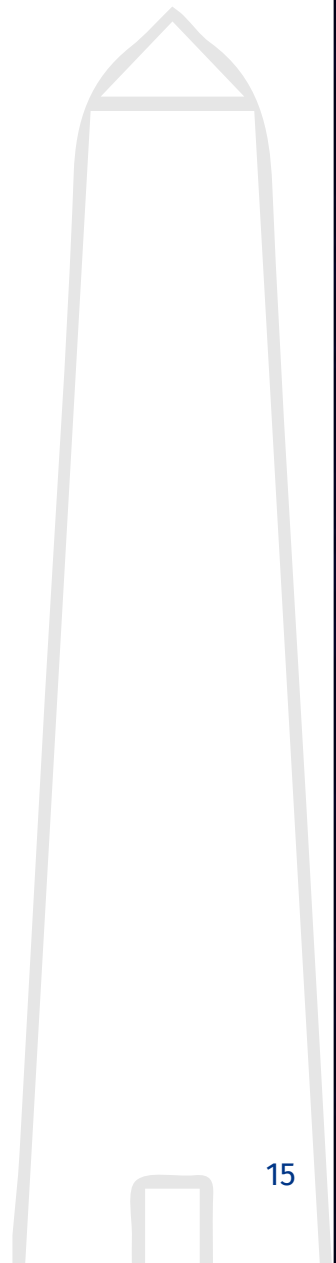
Jogo de tampinha, conto do vigário...
Malandragem, cuidado!
Local: Centro da cidade.

Camelôs ocupam ruas e calçadas...
Com licença, eu quero passar!
Local: Centro da cidade.

Trânsito intenso, congestionamento...
Paciência!
Local: Centro da cidade.

Poluição sonora, poluição ambiental...
Barulho, menos ar para respirar!
Local: Centro da cidade.

Feriado, ruas vazias...
Solidão!
Local: Centro da cidade.”



Emerson Luis Hirashima

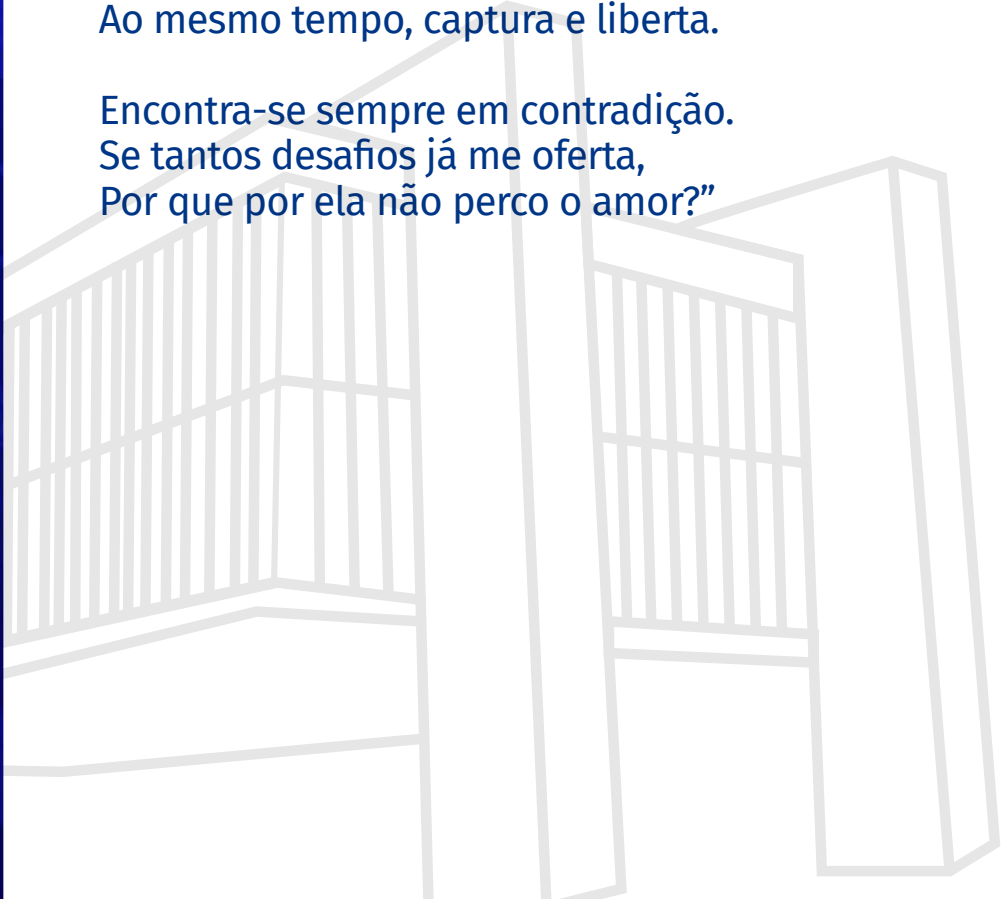
Cidade imponente

“É cidade que se mostra imponente
Desde tempos de outrora, a juventude
Ainda me desperta a inquietude
Da minha infância feliz, inocente.

Terra das inúmeras amizades,
Palco dos sonhos, das expectativas,
Dos desafios, das tantas tentativas;
Cheia de riscos e oportunidades.

Em seus cantos, floresce o bom humor.
Capital que me atija a ambição,
Ao mesmo tempo, captura e liberta.

Encontra-se sempre em contradição.
Se tantos desafios já me oferta,
Por que por ela não perco o amor?”



Erivelton de Mello Silva

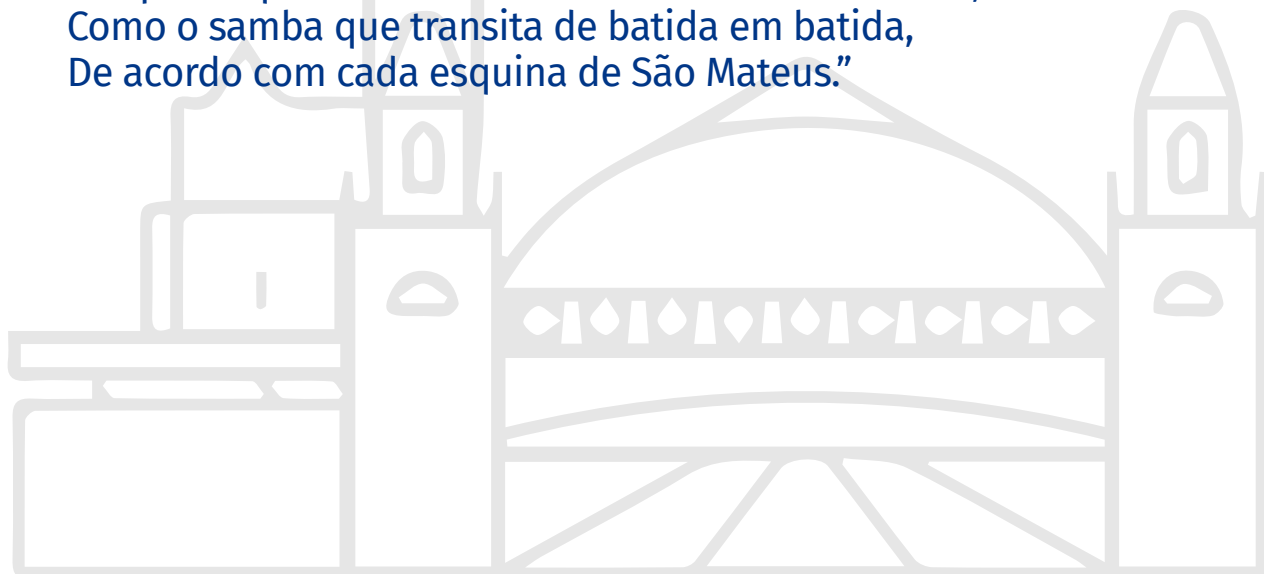
Para Mateus

“Tua garoa chega,
Estendendo-se do ponto alto da Sé até aqui.
Aqui: periferia, lado leste, Zona Leste...
Leste que abriga o santo nome de Mateus.
Mateus santo, São Mateus.

Assim, sobre você eu ouvi
E logo soube que era Paulo,
Que você é São Paulo!
Mas que ainda, para mim, é São Mateus
Do almoço da casa da avó ao samba da rua da feira.

Ou mesmo ao samba das lajes,
Lajes de Joãos, Josefas, Nilos e Marias...
Que ecoa por lares periféricos,
Que ecoa em cada esquina,
Em cada cruzamento de ruas e avenidas.

Avenidas grandiosas e cheias de vida;
Vidas cheias de diferentes temperos,
Temperos que vão mudando de acordo com o andar,
Como o samba que transita de batida em batida,
De acordo com cada esquina de São Mateus.”



Fabício Felix da Costa

Cidade cinza

“Dos concretos nos espaços;
De verdes em poucos pastos;
Da relva na Anhanguera;
Do relevo nas passarelas.

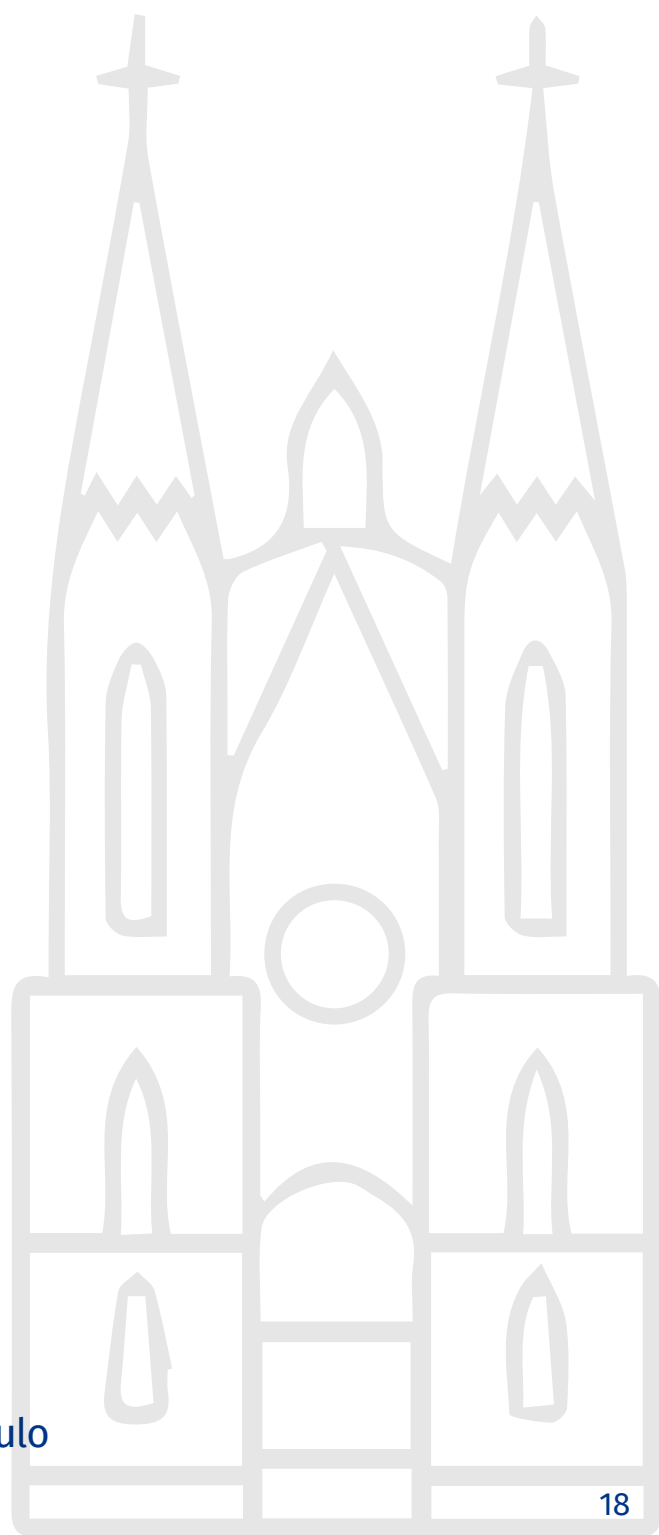
Vem de bonde;
Vem de monte;
Vem de trólebus;
Vem do Norte e vai ao Sul.

De um que nasce
Ou que renasce;
De São Paulo...
De outra parte!

Do Japão, da Itália...
Do metrô até minha casa,
Que aglomera e nunca para;
De verões e piscinas lotadas.

Povo misto... ‘mistureiro’,
Abraça o povo brasileiro!
Povo estrangeiro
Também é povo paulistano
Que cuida do nobre
E do suburbano.

Das rasuras aos abstratos,
Parte da vida de quem tem ‘status’
Para alcançar os retratos
De todo paulistano ‘made in’ São Paulo
Que faz do país combustível
De voos mais altos...”



Felipe Rodrigo dos Santos

O sábio das ruas diz: “Venha para São Paulo!”

“Eu sou um improvisador da liberdade,
Um sinônimo de vida,
E se no seu coração tiver verdade,
Deixe-me rimar nas suas batidas.

Quando eu cheguei por aqui,
Mandaram-me o proceder:
‘Você tem que fazer algo
Para poder sobreviver.’

E é isto que eu faço:
Eu durmo em uma viela,
Forneço rimas verdadeiras
Em troca de algumas moedas.

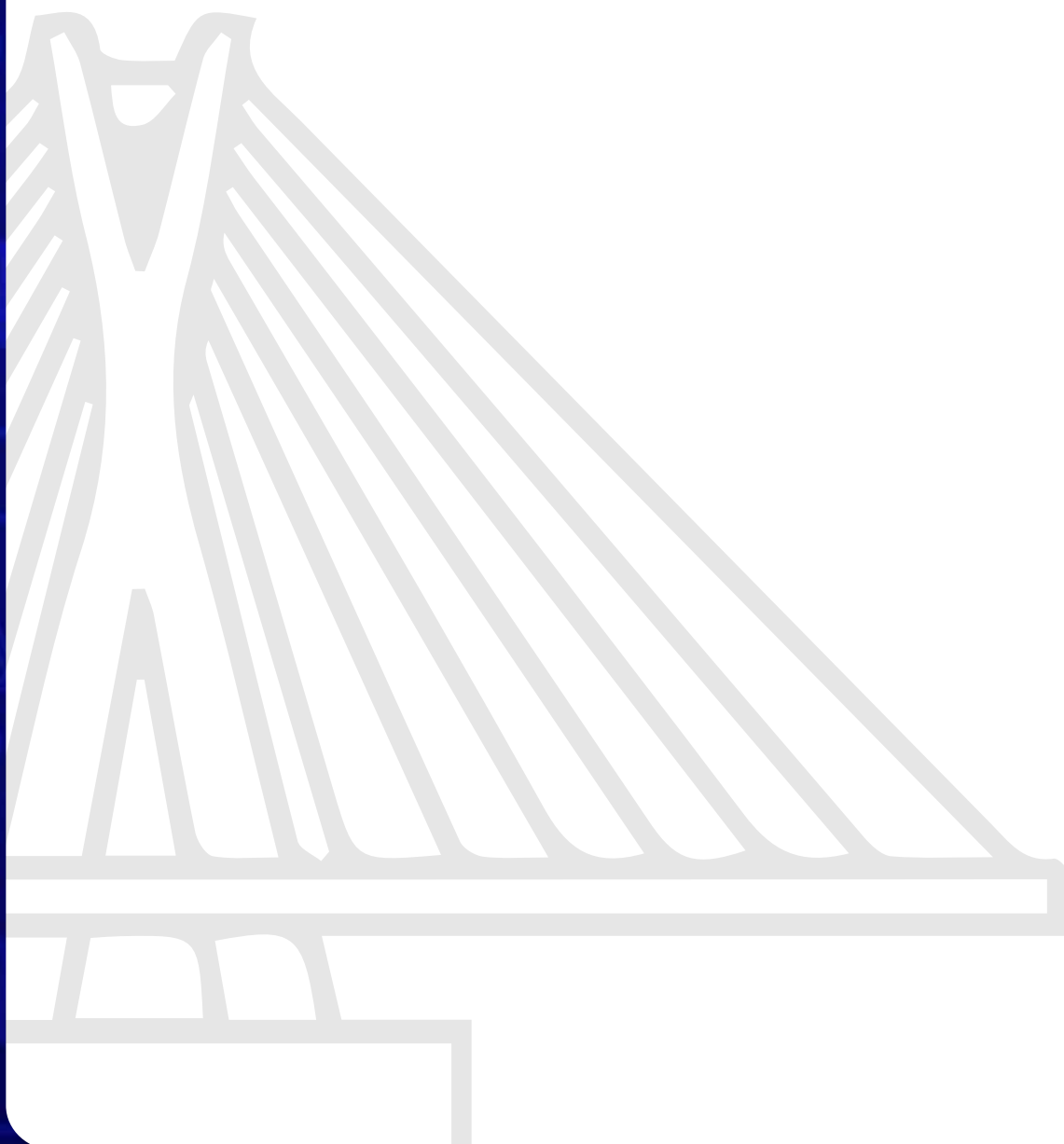
Aqui é o seguinte: se tu vieste para ter voz,
Tem que se cuidar.
Sempre tem alguém
Para tentar te silenciar.

Venha para São Paulo fazer o melhor
Para a melhor comunidade.
Venha para São Paulo e se depare
Com gente querendo ser o melhor, com papo de vaidade.

Venha para São Paulo se distanciar do caos
E descansar da guerra.
Venha para São Paulo e veja a multidão de cegos
Só ‘crescendo o olho’ na terra.

Venha para São Paulo,
Em busca de algum respeito.
Venha para São Paulo
E enfrente o preconceito.

Venha para São Paulo ouvir música
Que degrada a mulher e a sua poesia.
Venha para São Paulo ouvir a estupidez
De quem acabou de fazer todas estas rimas.”



Felipe Silva Nascif

Ipiranga & São João

“Escute o ritmo exalando
No balanço do desbalanço do som.
Sinta o cheiro ecoando,
Perplexo, pelo discreto concreto.

Em cada esquina,
Em cada canto,
Em cada sinal abrindo
E outro fechando.

Em cada corpo atravessado
Por uma faixa de pedestre,
Existe um motoboy vindo em contramão.

Entregue, a comida devora a entrega!
Nunca imaginei tanta fome assim, Sampa...
Mas há aqui o silêncio da pobreza
E a infelicidade da felicidade.

Aqui tudo rima com nada
Ou nada com tudo,
Depende do ponto de vista da calçada.

Daqui eu vejo nada
Ou quase nada...
Dali eu vejo o mundo,
Quase que surdo...

Oh, São Paulo!
Tão viva ou tão morta?

O substantivo, ao ser observado,
Torna-se sujeito subjetivo

• [secreto]

• [incerto]
Sivo.”

Sub. Ver.

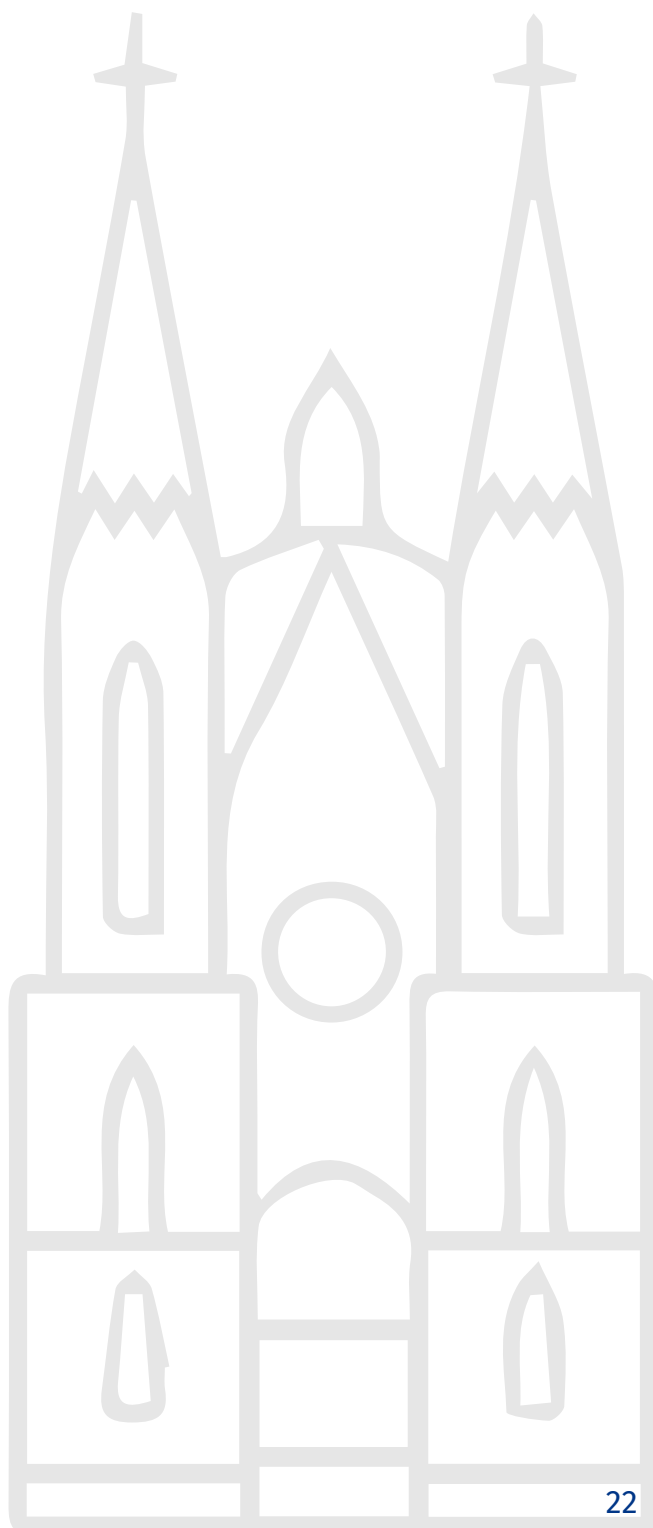
George Antonio Hantke Quintas

Uma cidade, mil facetas

“Uma cidade nasce,
A civilização floresce.
Com nossos antepassados,
Nossa força cresce.

Terra fértil,
Riquezas anuncia.
Cidade imensa,
Apesar do caos, harmonia.

São Paulo,
Cidade maior que um país,
Lar de um povo
Cada vez mais feliz.”



Gilberto José Bertevello

Paulistano de coração

“A cidade está alerta,
A porta está aberta;
O céu está cinzento,
A nuvem o encoberta.

A névoa fria sua existência anuncia,
Olho para o céu, mas não vejo as estrelas.
Ao meu lado, pessoas circulam, vivem,
Buscam seu horizonte e buscam a própria cria.

As estrelas circulam pela metrópole
Que oferece sua história numa só estrofe.
Gente vinda de toda parte, de todo o mundo,
Coloniza nossa cidade com seus sonhos.

Povo formado pela diversidade,
Povo formando e transformando a nossa casa.
Já não há lugar para rejeição,
São Paulo é oportunidade, é paixão!

Viver entre vias de concreto não assusta,
Morrer sem realizar é que não se ajusta.
Não saberia viver em outro lugar,
Não saberia recomendar outra cidade.

Ser paulistano é um privilégio,
Fui escolhido.
Com orgulho e gratidão,
Fui acolhido de coração.”

Glafira Menezes de O Corti

Mudança de pele

(homenagem ao meu pai)

“Para poder aqui chegar,
O pau de arara tomei.
Nele, nem descansei,
Tanta emoção encontrei...
Das boas só me lembro,
Pois das más já me livreí.

Papai ficou alterado
E muito desconfiado,
Foi logo dizendo:
‘Se for, não volta mais!
Aqui é o seu lugar.
Lá, só violência vai encontrar.
De casa, comida e guarida
Vai ter que desapegar.’

Escolhi a roupa mais nova,
Botei as alpercatas no pé.
Quis todo me enfeitar,
O cabelo engordurar
E de perfume me lambuzar.

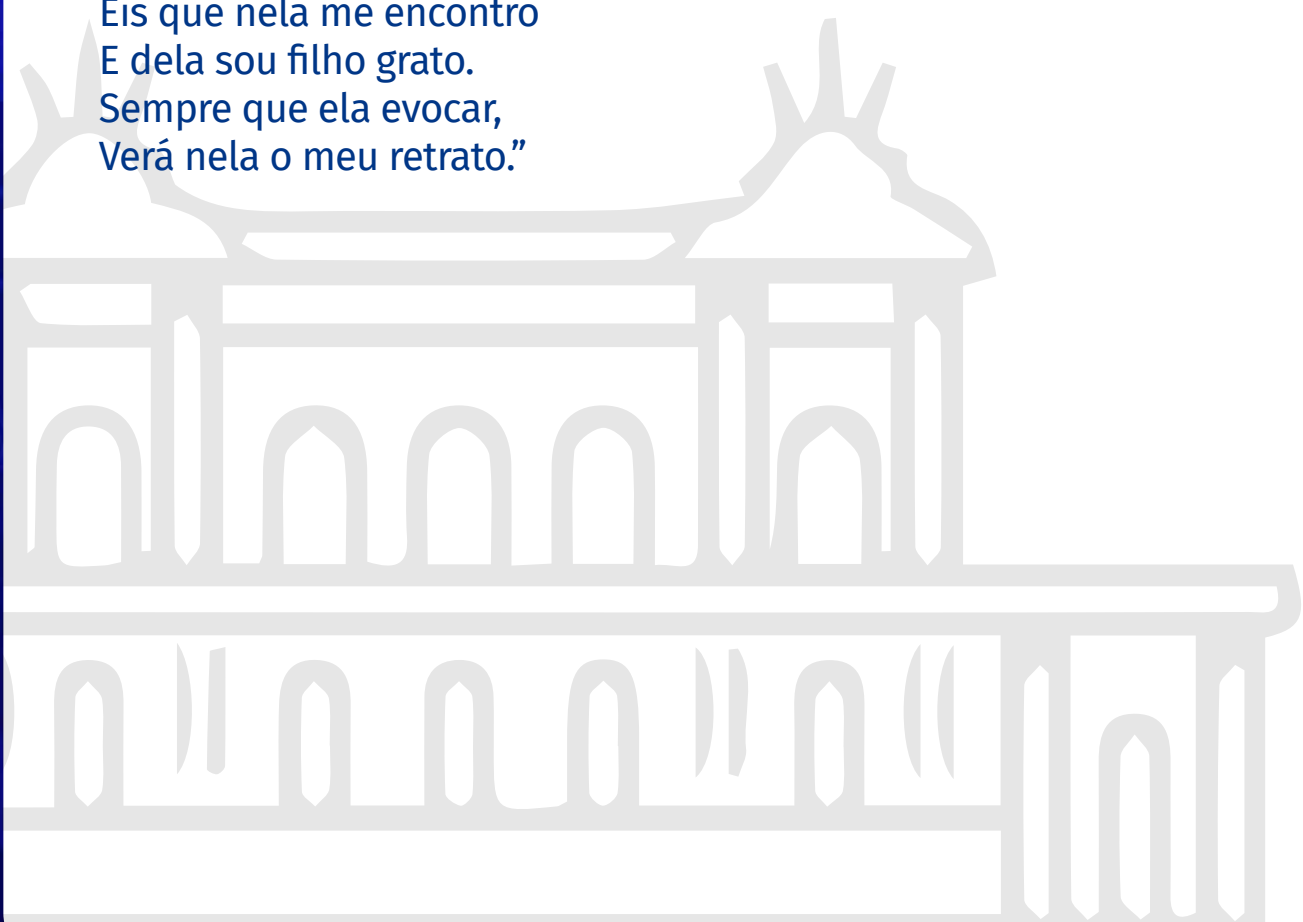
Sem saber o que viria ou
Com quem iria encontrar,
A emoção me assolava.
O corpo todo agitado,
A vontade de vencer...
Enfrentava toda a agonia.
Caminhando, a perna tremia.

'Mainha dê cá um abraço,
A partir de hoje parto.
Dê um beijo nos meninos
E, na família, um amasso.
Vou para São Paulo, minha linda!
Para aquela cidade, Dona Florinda,
Cheia de emprego e dinheiro.
Volto para cá em qualquer dia
Com presente e talvez engenheiro.'

Embarquei nesta viagem,
Procurando de verdade
O Sol, a Lua, a garoa,
Um teto para me abrigar,
Poder crescer e sonhar.

Usufruir, de verdade,
Dos bens que esta terra tem;
Da capacidade de receber,
Partilhar e oferecer
Aos irmãos forasteiros,
Todo o seu bem querer.

Eis que nela me encontro
E dela sou filho grato.
Sempre que ela evocar,
Verá nela o meu retrato."



Gracy Morais

Sob o céu cinza de Sampa

“Todo passeio ao qual resolva se entregar,
Só os astrônomos podem decifrar.
Um dia no céu cinza de São Paulo
É sempre um arraso!

Meu eu andarilho me suga para a memória inicial:
Casa Verde que nada via de verde.
Senti raiva, senti dor.
Porém, nunca me faltou amor e poesia,
Um tanto escassos nesta vida de capital atual.

Parei num campo esverdeado
E, sem perceber, estava perambulando pelo Flor de Maio.
Gosto deste negócio de diversidade.
Tão natural... para que tanta modernidade?

Mesmo cinza,
Está tudo acontecendo.
Há a adaptação do tempo correndo, morrendo...
Você pode ter duas opções:
Morrer engolido ou viver adentro.

É um turbilhão
De estações e sentimentos
E a ‘Cidade Alta’ escorrega pelas minhas pernas, apenas.
Só quem é da favela sabe o que aguenta!”

Guilherme Chaves

Entrelinhas dos heróis paulistanos

“Orgulhoso, pego minha caneta
Para discorrer sobre uma pequena aldeia
Formada ao redor de um colégio de jesuítas
Que, em seus 452 anos de existência,
Se tornou uma das maiores aglomerações do planeta.

Entre o Rio Tamanduateí e o Ribeirão Anhangabaú foi arqueada
Na passagem do século XIX ao XX, a cidade já estava totalmente transformada
E a área urbanizada se espalhou, para atender ao rápido aumento de população.
De todos os cantos, vinham os imigrantes italianos e outros ansiosos
Para formar a linda característica da miscigenação, o mosaico dos povos.

Desde os primeiros tempos coloniais, misturam-se perspectivas.
Uma população escassa de colonos portugueses,
Intensamente misturada às populações indígenas nativas
E, mais tarde, aos escravos africanos...
Subjugados a ‘não humanos’.

Com orgulho, dei início às minhas linhas,
Mas agora falo com uma forte dor,
Pois o movimento das bandeiras
Tão valorizado por diversos paulistas
É, na verdade, um dos tantos genocídios cometidos pelo europeu explorador.

Os brutos conquistaram o Brasil, mas São Paulo os tem como heróis.
Da minha mente, no entanto, não excluo a violência do movimento
E que eu possa, toda vez que olhar seus monumentos,
Lembrar que em seu lugar, poderiam estar figuras de maior esplendor
Orgulhoso comecei assumo, não posso negar.”

Hamilton Almeida

Consolação

“Entre hortaliças, frutas, chás,
Caixas d’água, cemitérios...
Nos limites do burgo, região afastada,
Não badalada.

Se apoiam na fé
Os barões do café.
Um tempo, outro tempo...
O povoado ocupado.

Bares, restaurantes, tribos de estribo,
Teatros, cinemas...
Gandaia e banzé;
Álcool e café.

A Consolação não para,
Param as lembranças.
Os imigrantes chegaram,
Os barões gostaram.

É povo que chega,
É povo que sai...
Antes de dar no pé,
Conversas no café.

A Igreja aquece,
No inverno: quermesse.
Cintilam nas feiras
Hortaliças, frutas e chás.

Skatistas planam
Na praça, de boné,
Perto de um pé de café...
Tudo Consolação!”

Ildamar Rennó Villela

Rua Dobrada, minha paixão!

“Rua Dobrada, minha paixão!
Mudando para Rua Dobrada,
Levada pela emoção,
Deparo-me com tantas crianças,
Sedentas de instrução...

Crianças lindas, de olhos alegres
E cheios de esperança.
Sempre querendo aprender mais,
Com convicção.

Um pedido na Prefeitura da Casa Verde foi atendido,
Um corrimão na escadaria
E brinquedos na pracinha!
Quer vida melhor?
Sorrisos expandidos nas faces!

Uma alegria contagiante!
Rua Dobrada ficou marcada em meu coração.
Muitas crianças faziam ali suas lições,
Uma mesa de cimento servia também para fazer refeições...

E, assim, se passaram oito anos
De contato e experiência
Com esta rua maravilhosa e arborizada,
Com muitas flores, frutos,
Crianças e vizinhos encantadores.

Na lembrança, no pensamento,
Recordo com satisfação todas as emoções que ali vivi.
Todos os dias, no *Facebook*, cumprimento:
‘A todos da Rua Dobrada da Casa Verde,
O meu bom dia!’”

Isabel Cristina Souza

As belezas de Sampa!

“Uma pluralidade infinita:
Cultura, pessoas, gastronomias, lazer,
Bares, padarias,
Instituições de ensino, músicas, teatros, esportes...
'Points' para se divertir.

A tal 'terra da garoa',
Em seus dias mais cinzentos,
Impressiona e embeleza.
Na magia de uma grande cidade,
Com suas múltiplas possibilidades!

Entre o concreto dos prédios
E a multidão de seres tão diversos,
Tem logo ali, adiante, o verde da natureza,
Os pássaros, as árvores, os parques...
Cenários que transcendem a vida urbana.

Numa diversidade que toma conta da cidade,
A liberdade de vir a ser como e com quem quiser,
Fazendo saltar as belezas de Sampa.
Não para todos,
Mas àqueles que se dispõem a percebê-las!”

Isabella Agulhó da Silva

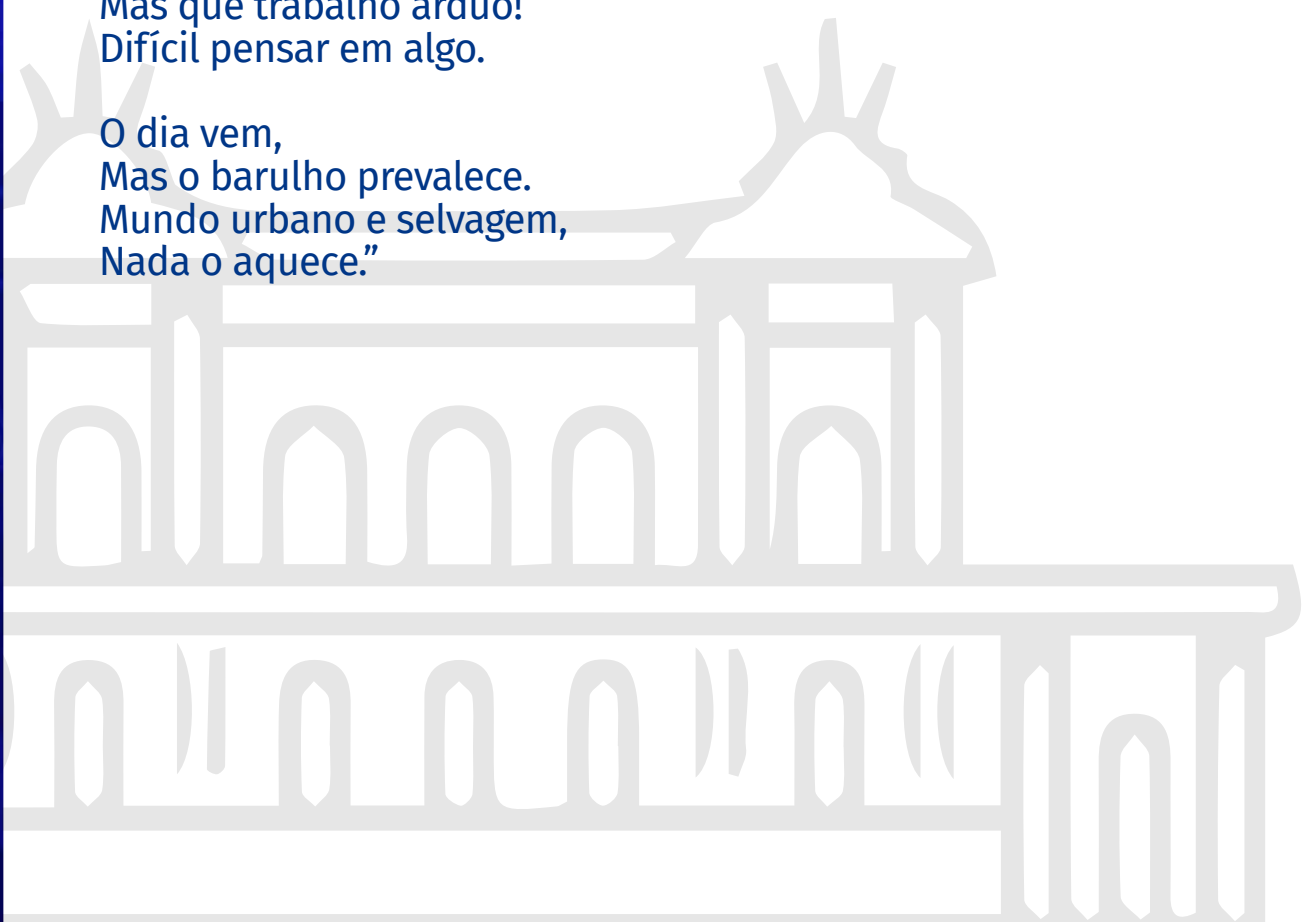
Noites paulistanas

“A noite vem;
O silêncio não,
Para aqueles que sobrevivem
Na cidade de papelão.

Na madrugada, os pensamentos chegam,
A solidão se aproxima e diz:
‘Tão sozinha numa cidade tão cheia...
Tome! Pegue este giz.’

Como colorir São Paulo,
Se disseram que ‘não existe amor em SP’?
Mas que trabalho árduo!
Difícil pensar em algo.

O dia vem,
Mas o barulho prevalece.
Mundo urbano e selvagem,
Nada o aquece.”



Isis Santana de Freitas

Paulistano

“Adoro a sensação de sentir o frio
No corpo quente,
Notando o repouso da morte,
Envolvida pela brisa.
Banha-me!

Ser neutralizada pela frieza da água
E morrer por alguns segundos.
Molhá-la de vida, angústia e nostalgia.
Burlando a cura,
Reviver por todo sempre.

Hoje, em pleno verão de sampa,
36 graus com sensação térmica de 39.
Só queria morrer
E congelar os corações quentes
Dos acreanos, alagoanos, amapaenses, amazonenses...

Ah, os baianos!
Catarinenses, capixabas, cearenses, fluminenses,
Gaúchos, goianos, maranhenses, mato-grossenses,
Mineiros, paraenses, paraibanos, paranaenses,
Pernambucanos, piauienses, potiguar, rondonienses...

Roraimenses, sergipanos, tocantinenses, africanos,
Angolanos, bolivianos, coreanos, espanhóis,
Franceses, italianos, japoneses, peruanos, sírios...
Tão paulistanos!”

João Paulo Pinheiro de Paiva

Cinco da manhã

“O desvario noturno não cala
E, apressado, resvala na rispidez
E na concreta sordidez da fala
De seus cidadãos, alheios
A tudo aquilo que não é são
E a todos aqueles que nela estão.

Perdidos nos nós e entremeios
Das ruas, dos trens e das vias;
Nas curtas manhãs de seus dias,
Distante do centro, em tenaz movimento,
Rumando à periferia.
São Paulo, meu amor,
Bom dia!”



José Mauro Severino

São Paulo de pedra e sangue

“Cantada em prosa e verso,
Por paulistas e tantos baianos.
Forjada em ferro e massa no calo,
No sangue e na marra.

Destino de migrantes trabalhadores e sonhadores,
Mas ponto de partida de desbravadores.
Usada e ordenada,
Por tantos poderes querida.
Priorizada por usurpadores.

Conforme o tempo passa mais e mais,
Questionada pelo acesso do pobre,
Pelo direito do velho,
Pela igualdade da negra.

Na garganta dos *rappers*, cidade linda.
Cidade estranha, onde se faz dinheiro.
Para poucos fortuna,
De onde pulsa a força que alimenta artérias,
Onde teve tronco, cabresto, bandeirante e DOI-CODI.

Cabe um povo maturado,
Consciente que se expõe.
Vem, São Paulo! Vem e sonhe!
Grite forte, mas sem ódio.”



Josivaldo Alves da Silva

Cidade de São Paulo

“Esta cidade é cheia de surpresas,
Alegrias e tristezas.
Ela não dorme,
Mas desperta os seus moradores
E os alerta.

Cidade Luz que brilha.
Entre altos e baixos, ela trilha.
Não envelhece,
Apenas cresce.

Apesar da divisão social,
Ela acolhe a todos com bom astral.
Ame e cuide bem desta cidade
Que é solidária e de hombridade.
Viva a cidade de São Paulo!”

Julia Cunha da Silva

São Paulo da ambiguidade

“Terra de etnias mil,
Em teus braços,
Acolhe a todos
Como mãe gentil.

Num lado fartura,
Noutro desigualdade...
Como podes abrigar
Tamanha ambiguidade?

Apesar dos males,
Oferece uma lição:
Para amar-te, é preciso
Entregar-se de coração.”



Juvenal Rocha

Cidade idolatrada

“Cidade idolatrada,
Meu berço emprestado
No interior da capital.
Repleta de beleza deslumbrante,
Terra de bênção eternal.

Cidade idolatrada,
Tenho imenso orgulho
Por ser acolhido
Por esta terra iluminada,
Onde passo minha vida
Como um furacão.

Me resta a lembrança
Das lutas diárias,
A ficarem guardadas sempre no meu coração.
Encantas os corações,
Serás eternamente desejada.

És tu, São Paulo, minha divindade,
Minha cidade amada.
Com uma história tão marcante,
Resplandece a beleza natural.
Terra amada, paraíso sem igual
Que está sempre no meu coração.

Ó, como queria que fosse minha terra natal!
Cidade exuberante...
Onde eu posso deleitar em teus encantos,
Sentir o teu calor esplêndido,
Nos teus braços, jamais melindrarei espanto.

Desejo que conheça
Esta terra fascinante.
Seu coração encherá de vigor,
Irá brilhar como uma pedra preciosa.
De tanto amor,
Brilhará como diamante.

Tenho certeza,
Aqui você irá querer morar,
Adquirir do excesso do brilho,
Pois com seus próprios olhos verá!”



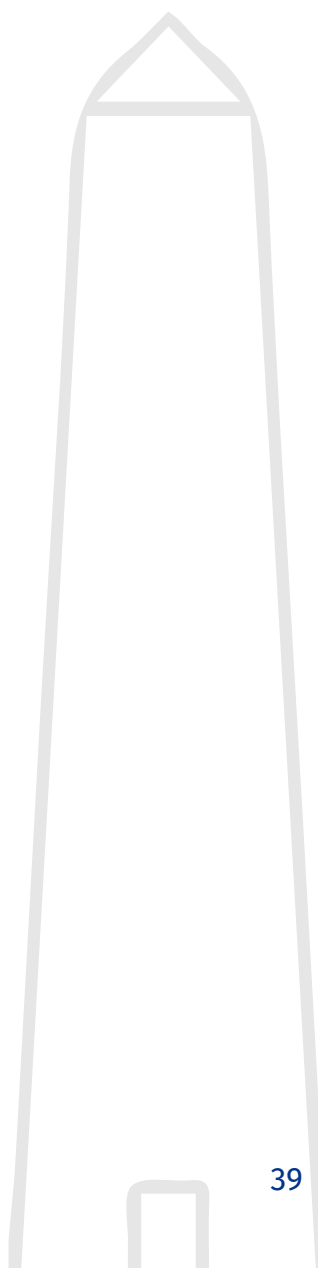
Kelly Cristina da Silva

O amor é síntese

“São Paulo, nome dado por Jesuítas,
Capital da influência, da cultura e da política.
Há de ser grande, assim como seu potencial.
Grande orgulho para seu povo fervente,
Com admiração, habita em nossa mente!

Uma das mais populosas do mundo,
Sem dúvida a mais orgulhosa e próspera.
As dificuldades sempre virão,
Mas batalharemos com devoção,
Lembrados pelos nossos monumentos de que
Aqui se guerreia até a aprovação!

Ó doce e imperial cidade,
Com todo seu ar de bondade,
Calçadas esbanjam teu esplendor!
A todos, neste poema, confesso:
Tu és meu grande amor.”



Leandro Ribeiro da Silva

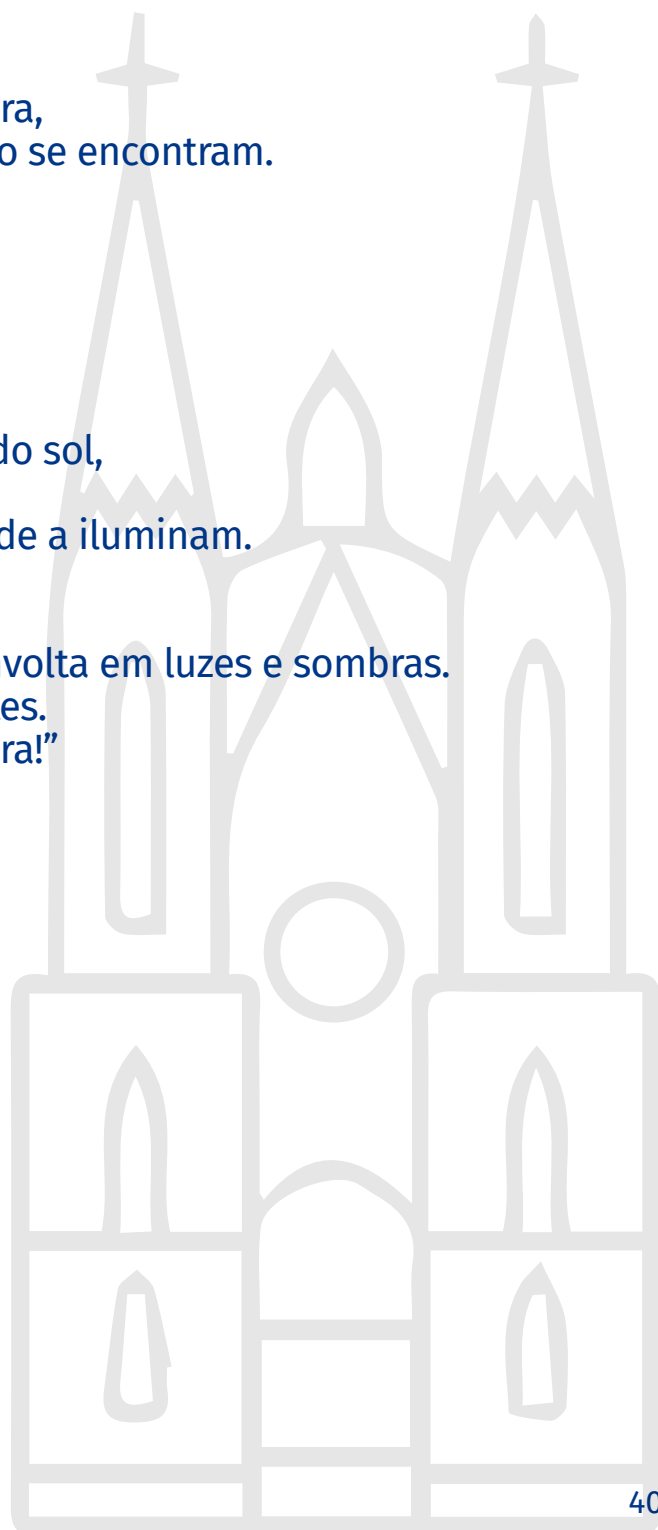
São Paulo: uma cidade de contrastes

“Noite ou dia...
São Paulo, uma cidade que não para,
Uma cidade onde o antigo e o novo se encontram.

Prédios altos e novos;
Casas antigas e centenárias;
De *shoppings* ultramodernos
A museus de passados remotos.

De dia, São Paulo brilha sob a luz do sol,
Pessoas indo e vindo...
De noite, as próprias luzes da cidade a iluminam.
Mesmo à noite, a cidade não para.

São Paulo, uma cidade que vive envolta em luzes e sombras.
São Paulo, uma cidade de contrastes.
São Paulo, uma cidade que não para!”



Lilian Correia Peres

Gerador de sonhos

“São Paulo,
Terra da garoa,
Minha selva de pedra.

Escorre a urgência que a vida tem,
Por isto, dormir não convém.
Prédios, avenidas tomadas de carros,
Arquitetura rica... berço da economia,
De destinos e sonhos certos.

São Paulo de constelações,
De luz, liberdade e paraíso.
Terra de gente boa
Que não se abala.

O ‘corre-corre’ não para.
Rica de sons e cores.
Cidade eclética e de estética variada,
De museus, bares, boates,
Cinemas, *glamour*, amor...

O mundo em uma cidade.
Na verdade, o universo inteiro!
Gerador de sonhos do brasileiro!”

Luciene Amor Espin de Jesus

São Paulo: entre memórias e histórias

“A história de São Paulo
É marcada desde os tempos da escravidão.

Devido à sua expansão,
Em meio ao comércio e imigração,
O número de escravos libertos crescia.
Sonho de todo preto: a alforria.

Barra Funda e Bexiga,
Dois quilombos do pós-abolição;
Bairro da Liberdade e Parque Dom Pedro,
Reduto da população.

Rua Treze de Maio,
Rua Adoniran Barbosa,
Vale do Anhangabaú,
Rua da Abolição...

Está na voz de Caetano:
Sampa, Ipiranga e Avenida São João;
Quilombo semirrural da cidade saracura,
Que ainda corre sob a dureza do asfalto.

São Paulo,
Selva de pedra.
O que antes era quilombo,
Hoje é chamado favela.

‘Hey, São Paulo terra de arranha-céu,
A garoa rasga a carne, é a Torre de Babel!...”

Manuel de Almeida

São Paulo, cidade vida

“Cidade de São Paulo

25/01/1554

Quatrocentos e sessenta e seis anos...

A cidade fundada por Nóbrega é crescente,

Paulistanos e imigrantes são presentes.

São Paulo dá mais acertos do que enganos...

Do mundo, é a terceira em população.

Aguerrida, batalha por desafios.

Perseverando, se entrelaça em fios

E isto lhe envaidece de satisfação!

Vencer problemas diários requer união,

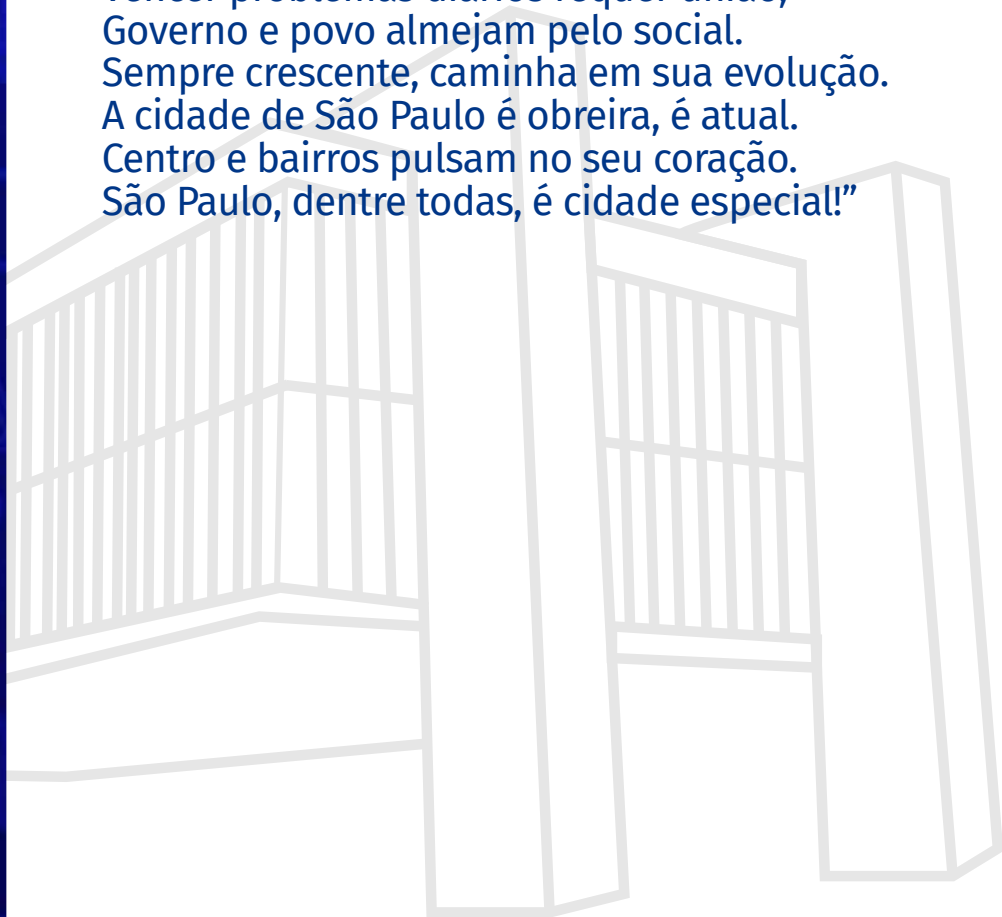
Governo e povo almejam pelo social.

Sempre crescente, caminha em sua evolução.

A cidade de São Paulo é obreira, é atual.

Centro e bairros pulsam no seu coração.

São Paulo, dentre todas, é cidade especial!”



Marcos Vinícius da Silva

Lixeira

“A cada esquina, me deparo com sorrisos.
Não entendo nada disto!
A cada arranha-céu que eu vejo,
Sinto-me ainda menor,
Sinto-me esquecido...”

A sociedade que me jogou no lixo
Glorifica o rico
E ‘esculacha’ o pobre.
Quem não tem grana que sofre,
Correndo atrás do seu alimento.

Há três dias sem comer,
Literalmente, estou vazio por dentro.
Antes fosse de amor e solidão,
Mas a barriga ronca mais alto
Do que o ‘eu te amo’, irmão.

Meu abrigo é uma caixa de papelão,
Meu jantar e meu almoço
São os restos no chão.
Nem cachorro vira-lata é tratado assim...
Pergunto a Deus o que fiz de tão mal para ser tratado assim.

A culpa não é do Senhor,
E sim de teus filhos
Que insistem em querer mais riqueza e poder,
Enquanto o pobre quer apenas
Sorrir e sobreviver.”

Maria Celina Lorenzetti

Orando com Maria

“Orando com Maria,
Em tempos de pandemia.
Isto não é brincadeira,
É uma doideira!

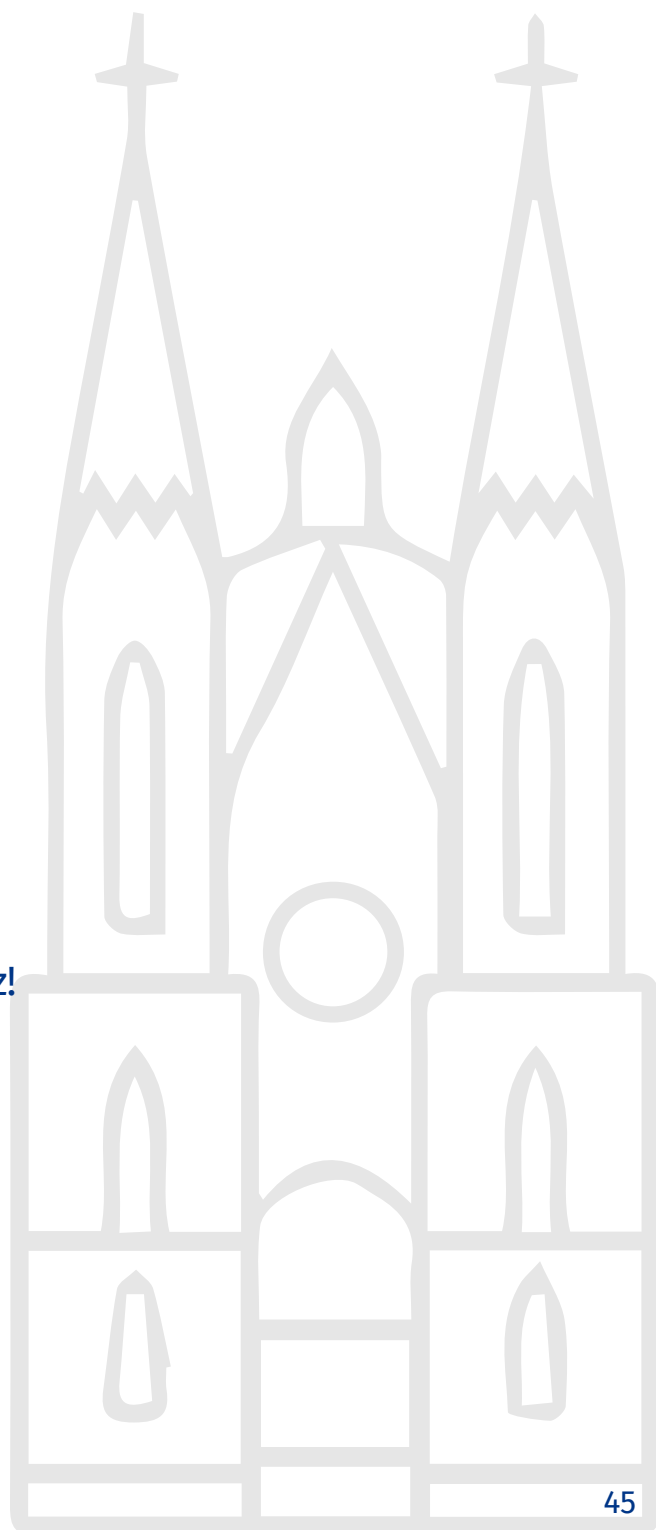
Olho pela janela,
Vejo as ruas vazias,
Ruas de uma São Paulo,
Que cresce e que não pode parar.
Vejo muitas luzes de televisão,
Pessoas unidas ou não...
Esta não é a questão.

Você pode crer,
Há muita contradição.
Cidade de muita gente,
Que precisa trabalhar
Para São Paulo caminhar

Uma notícia pode ser,
Às vezes, uma *fake*
Ou uma receita de *cupcake*.
Informações na velocidade da luz,
Até parece que se vai morrer na cruz!
Jesus, salve-nos deste tempo
Que não sonhamos viver.

E para sobreviver,
Vamos tomando um chá verde.
Não podemos reclamar,
Há pessoas enfrentando
Muito mais dificuldades.

E é bom lembrar
Que otimismo nunca é demais.
Com todo respeito e serenidade,
Pedimos: Maria, rogai por nós!”



Maria Rosane Massafra Toquette

Cresci aqui

“Venha ver a paisagem,
Ela é impressionante!
Mostra vilas e trilhos
Que guardam lembranças.

Minha avó ia na feira
E eu ia ver os cavalos.
Enquanto isto, na pracinha,
Meu irmão namorava...

Ah, este bairro tão gostoso...
Esta cidade formosa.
Hoje é selva de pedra,
Está muito mudada,
Mas ainda traz lindas memórias.”

Mauro Luis da Conceição José

São Paulo

“Ruas que respiram gás carbônico,
Muros que ditam modas
E também veem a face do abandono.
Excesso de afluentes,
Todos em situação decadentes.

A céu aberto, o choro e o cheiro
De tudo aquilo que deixamos para trás,
Num passado muito latente.
Metros de risos celulares vazios
E uma alma que chora na linha da Sé.

Tem sangue na lata de cerol,
A avenida mais conhecida se classifica ‘marginal’,
Como os políticos, os riscos
E a dose de adrenalina...
Cloroquina!

Ai meu Deus, nos dê forças!
Pois, amanhã, vem o trem,
Trazendo de novo um vírus que saiu lá da China.
Mas aqui temos o Carnaval
E um shopping a céu aberto.

Onde seu egoísmo é testado em decibéis,
Só tenho pressa.
Lá no bairro onde moro,
As luzes são cortadas depois das dez
E eu tenho a cor da noite!”

Michelle Bianchi

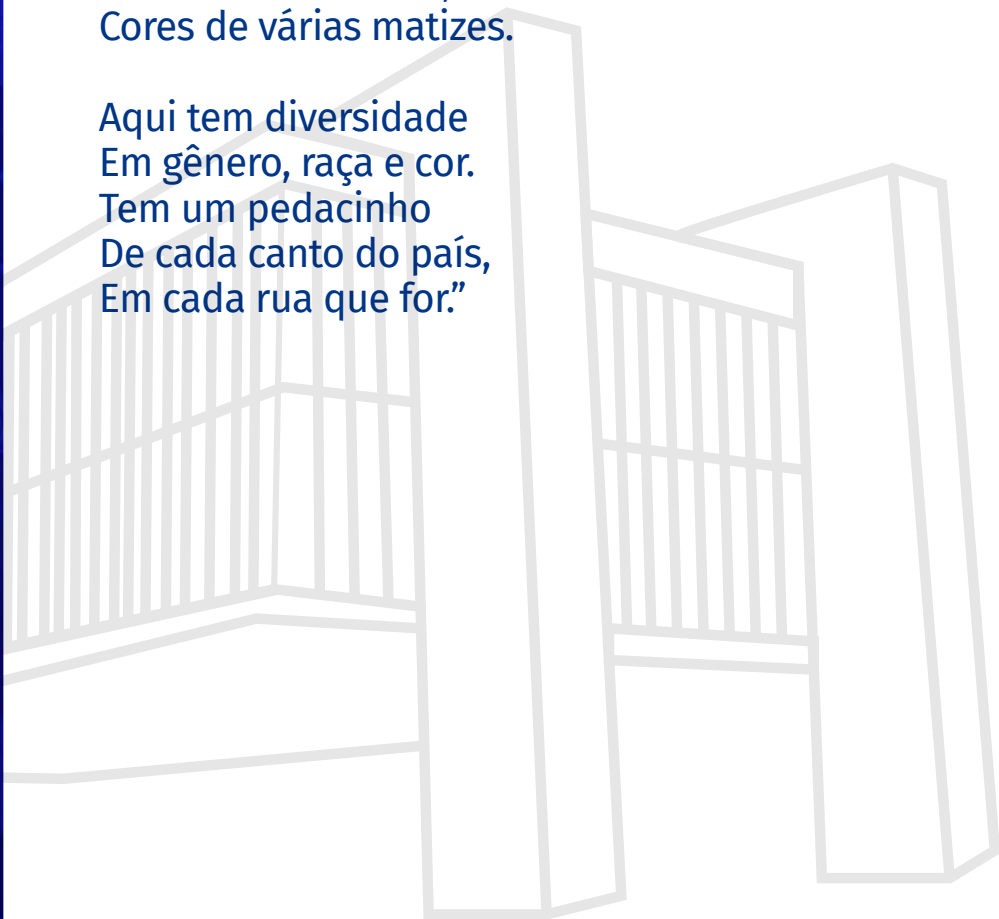
Cada canto de São Paulo

“Suas ruas movimentadas,
Seus prédios altos,
Cafés e restaurantes badalados...

Não há outro lugar
Com mais cultura,
Mais centros industriais
E comércios efervescentes.

São Paulo tem jeito
De tumulto exacerbado,
Cheiro diversificado,
Cores de várias matizes.

Aqui tem diversidade
Em gênero, raça e cor.
Tem um pedacinho
De cada canto do país,
Em cada rua que for.”



Mônica Silva de França

Terra da garoa

“Ela me abraçou e me envolveu,
Em meio às suas luzes me perdi.
Por suas ruas caminhei, seus segredos descobri.

Ela me disse sim, me conduziu;
Me levou onde quis, me fazendo feliz;
Me atraiu para si.

Seus sons me encantaram,
Suas histórias me apaixonaram,
Como poderia eu partir?

Aqui, na terra da garoa,
O tempo parece que voa,
Não tem para onde fugir.

Ao olhar para cada canto,
Sinto a musicalidade.
Aqui nesta cidade, tudo é de verdade.

Seja o grito do que clama
A alegria de quem ama,
A força que dela emana.

São Paulo, terra querida,
Faz parte da minha vida.
Jamais será esquecida!”



Pedro Monteiro

São Paulo multicolor

“Minha São Paulo querida,
Berço da desenvoltura,
Alavancando o progresso
De renomada estatura.
Na meiguice ou na crueza,
Sua imponente beleza
Tem diversão e cultura.

Quando um imigrante deixa
Para trás a sua terra,
Seus costumes e sua gente;
Seja na paz ou na guerra,
Na tristeza ou na alegria,
São Paulo é a garantia
De que mirando, não erra.

Cada migrante que chega,
Trazendo seu predicado,
Ajuda na construção
Deste importante legado.
Com esta atitude boa,
Hoje a terra da garoa
Tornou-se berço afamado.

Entre adotivos e natos,
Ela não faz distinção;
Valoriza a quem batalha,
Ganhando honestamente o seu pão.
Quem vai à luta, ela ampara;
Quem não vai, ela equipara
Aos caídos no chão.

Beijo a face multicolor
Desta Torre De Babel.
Numa singela homenagem,
Quero pintar um painel
Com as cores da emoção,
Gravadas no coração
E nestes versos de cordel.”



Reinaldo de Oliveira

São Paulo

“Quem eu sou? Não sei!
Estou acorrentado,
Preso em correntes
Completamente quentes.

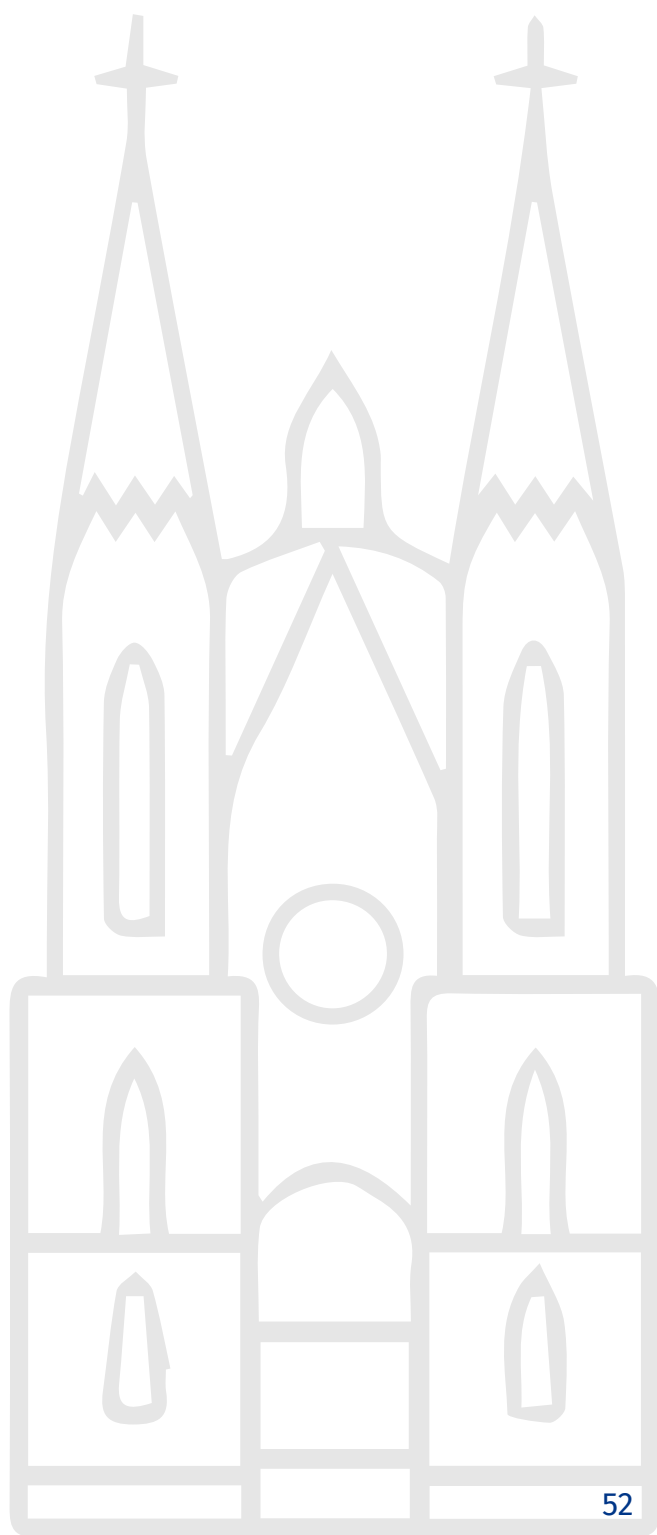
Nunca vi, no tempo, coisa assim.
São Paulo não morre,
São Paulo escorre
Lágrimas de amor sem fim.

Acorda bem cedo,
Levanta sem medo
De enfrentar grilhões.
Quem pode afirmar?
Vê tantos encantos,
Enquanto a beleza cai.

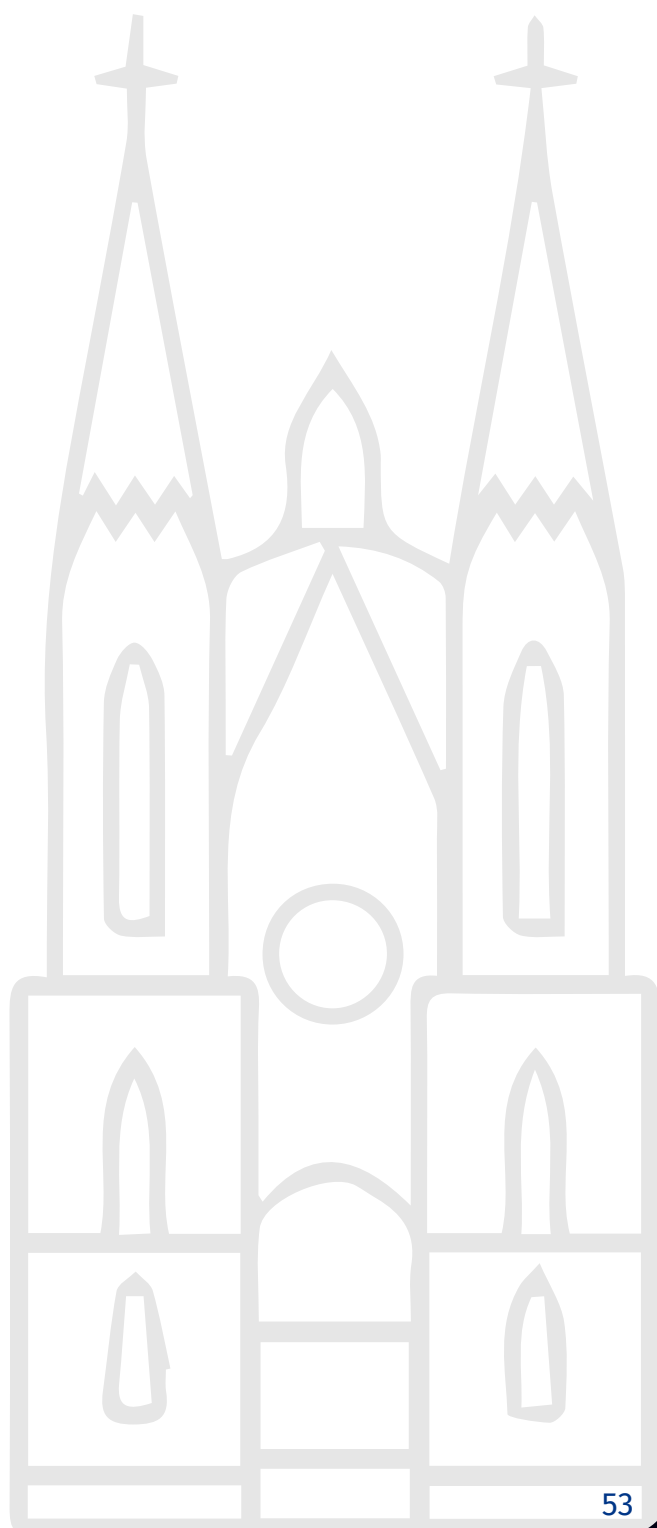
Vêm imigrantes,
Vêm viajantes...
Esta terra é gigante,
Acolhe nações!

São Paulo é imensa,
São Paulo é da gente...
Caminha avante a ignição.
O que quer de mim? Disponha!

Quem sabe,
Me conte agora
Quem realmente sou?
Sou o dono das correntes,
Do ferro às sementes
E de um novo viver.



Quem me dera
Voltar no tempo
E ver, de repente,
Meus ancestrais de SP.”



Roberto Gasparetti

Gigante de aço

“São Paulo, gigante de aço e cimento,
Abrigo perene de raças mil;
Receba, em teu seio,
Estes versos, plenos de sentimento.

Ó, Metrópole!
Coração do Brasil!
Em seu crescimento acelerado,
Tu és o colosso do Sudeste.

Quem aqui é nascido e criado,
Considere-se para sempre abençoado!
Sejam bem-vindos, amigos de todas nações,
Sejam do agreste ou dos mais distantes rincões.

São Paulo anseia pela tua chegada!
Esta é São Paulo, cidade sempre desperta,
Fonte, na madrugada, do mais leve burburinho
Até o rude alarido que fere os corações!”

Samara Harumy

Não existe amor em SP

“Já vivi dias melhores,
Já vivi dias felizes.
Hoje, observo à minha volta
E vejo cidadãos tristes.

É difícil continuar firme
Diante de tanto caos,
Mas precisamos ser fortes,
Pois a cidade de São Paulo
Depende de nós.”



Sheila Bruna Souza da Silva

Cidade de São Paulo

“Eita, cidade boa da ‘mulesta’!
É a cidade de São Paulo!
Vim de longe para te conhecer,
Mas sabe que ‘inté’ do ‘lugarzin’ que vim,
Só falam de ‘ocê’?!”

Sampa, terrinha de gente de tudo que é canto.
É uma mistura danada que me leva para além.
E que viagem...
Viajo sem nenhum vintém!

Então penso,
Me parece mais um emaranhado de gente,
Cada um com um sonho
E que ‘juntin’ forma esta arretada ‘multicidade’.
E tu sabe que falam por demais de ‘ocê’ aqui, né?!”

Virgem, que vou conhecer a cidade iluminada,
A cidade que não dorme,
A cidade grande...
E ‘inté’ dizem por aí!

Eita, cidade linda da gota serena, é linda de morrer!
E é ‘mior’ eu ‘inté’ parar por aqui,
Senão não paro de escrever.
São Paulo é grande por demais da conta
Para caber num ‘papé’ de escrever.”

Shirlei Moura

Um olhar de reflexão na quarentena

“07:30 da manhã
De uma quarta-feira,
Toda equipada,
De álcool em gel e máscara,
Decido fazer uma caminhada.

Passei a observar alguns lugares
Do Centro de São Paulo.
Na calçada da Av. São João,
O famoso Bar Brahma.
Cantei Caetano Veloso:

‘Alguma coisa acontece no meu coração.
Que só quando cruza a Ipiranga
E a Avenida São João...’

Passei pelo Cinema Marabá
Pela Praça da República,
Pelo prédio da
Secretaria da Educação,
Outra bela construção.

‘Bom dia’, quis dizer,
Acenando a cabeça
Para três pessoas
Que também saíram protegidas
A caminhar.

Uma delas
Tinha como companhia
Um lindo cachorrinho branco.



Passei pelo Edifício Copan,
O Teatro de Arena Eugênio Kusnet.
À frente, a Igreja da Consolação,
Do lado oposto,
A sede da Baixa Augusta.

Parei para respirar
Na esquina da Rego Freitas.”



Solange Maria Ferraz

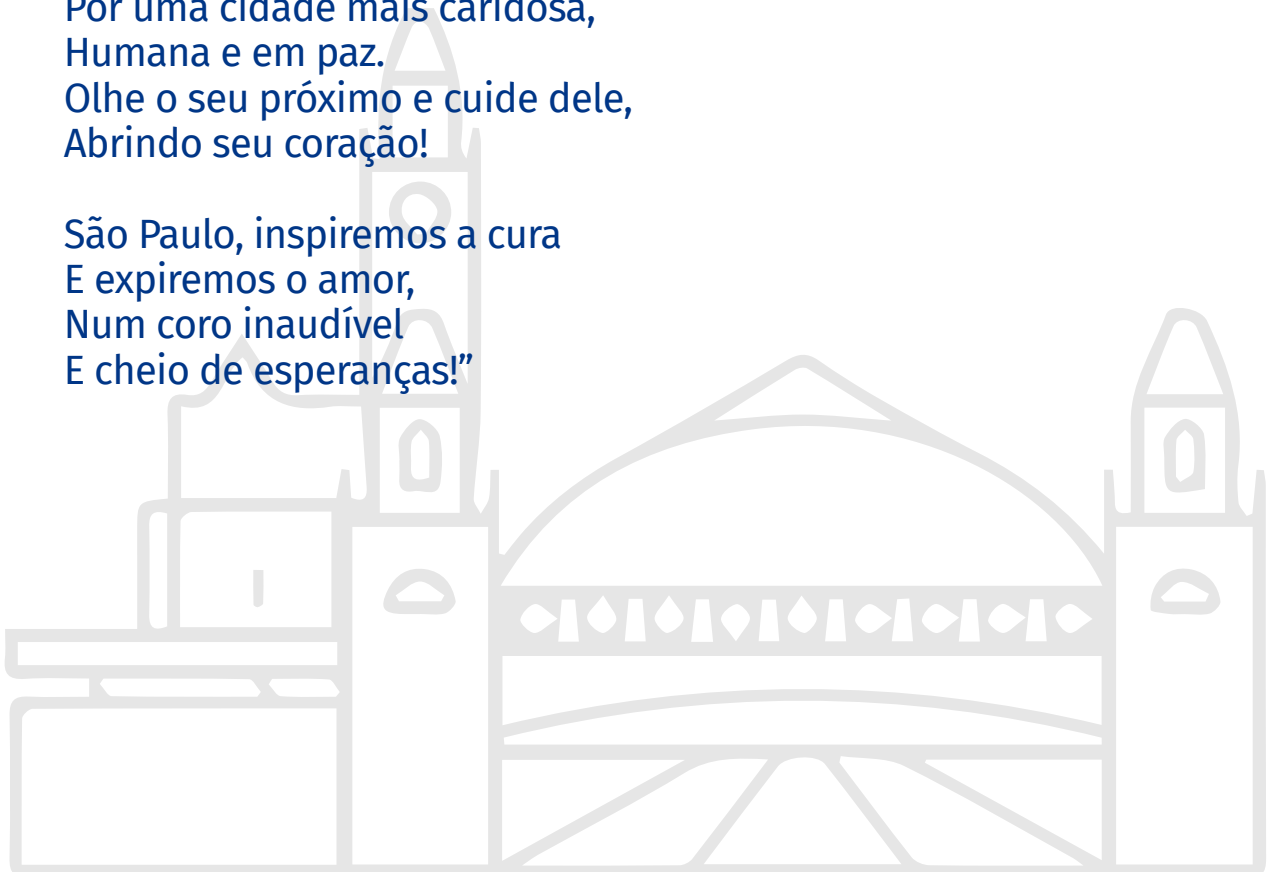
São Paulo

“São Paulo,
Cidade da garoa ou da poluição,
Cidade de milhares de sons.
Agora, está no silêncio.
O céu está limpo e azul.
Ouvimos o trem na estação.

Cidade de muitos Brasis,
Imigrantes e refugiados.
O mundo aqui presente,
Todos querem progredir.

Neste momento, carentes.
Vamos nos unir e nos ajudar,
Por uma cidade mais caridosa,
Humana e em paz.
Olhe o seu próximo e cuide dele,
Abrindo seu coração!

São Paulo, inspiremos a cura
E expiremos o amor,
Num coro inaudível
E cheio de esperanças!”



Talita Coelho

Terra de ninguém

“A rua é esburacada,
Os cachorros andam sem rumo,
Sem rede de *fast-food*,
Sem supermercado...”

O *uber* não nos encontra aqui.
Às vezes, quando se pede ajuda,
Eles recalculam a rota!
Estou falando da Brasilândia: terra de ninguém.”



Téka Castro

São Paulo, minha cidade

“São Paulo,
Do Brasil grande engrenagem
Que compõe Brasis
Em uma só cidade.

São Paulo,
Terra cimentada,
A vida se tornando poluída.
Matamos árvores, córregos...
E somos ainda acolhedores.

Temos, em São Paulo,
Todos os sabores,
Toda criação.

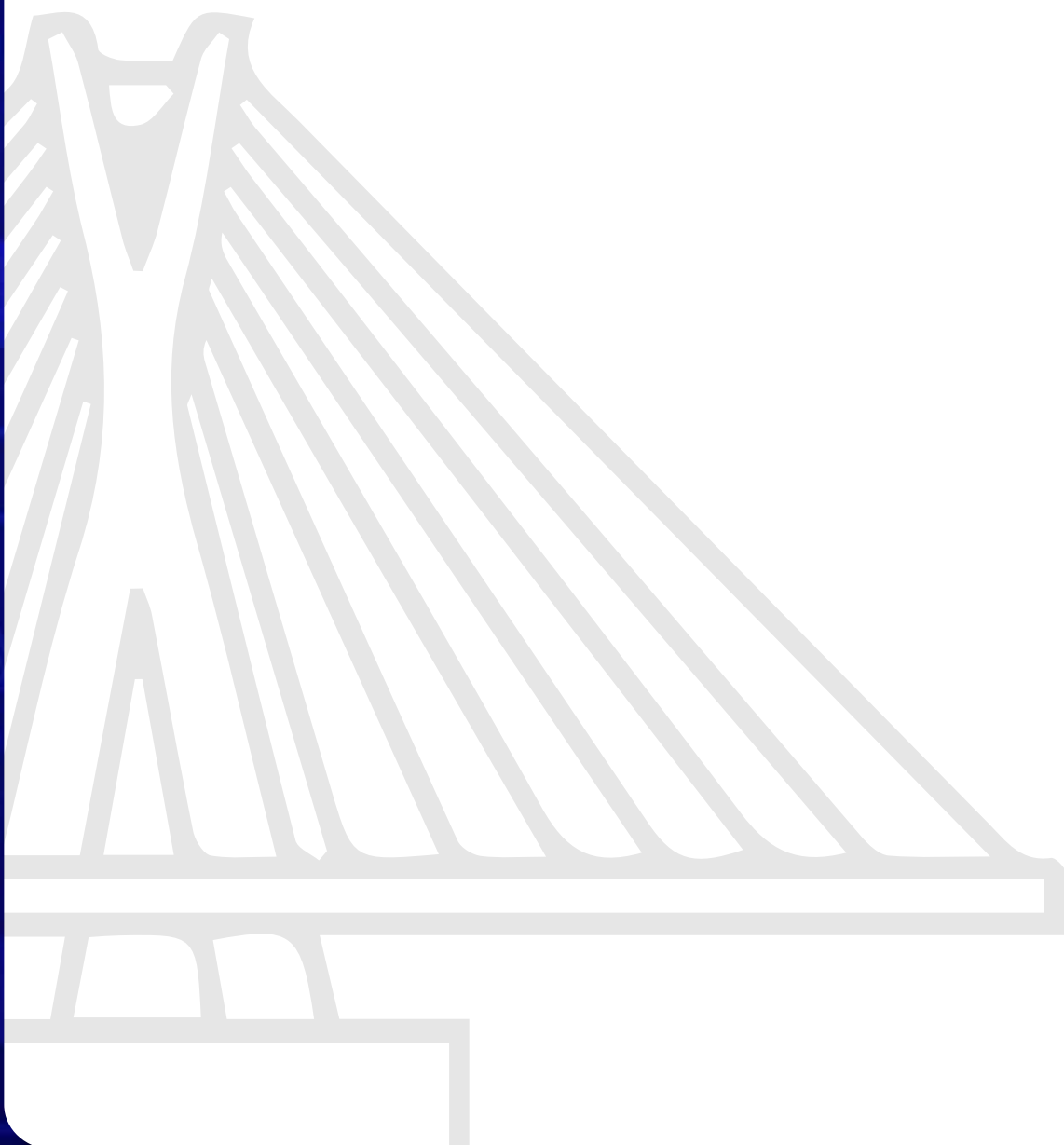
Dos arranha-céus
Ao chão da periferia,
Temos desigualdade,
Mas também igualdade de almas.

São Paulo,
Que do passado se iniciou
Pelo Vale do Anhangabaú.

Matas, rios e tudo mais...
Hoje, o que vemos?
Nem mais o rio trafegável,
Mas as chuvas avisam
Que, ali, um rio existia.

Pois o homem se deixa,
Por esvaziar suas coisas
Nas ruas paulistas,
Causando enchentes.

Mas não deixo São Paulo!
Não, onde mora minha gente.”



Tiago Modesto

Enchente

“O céu está aberto,
Nenhuma nuvem a vista:
É verão de deserto.

Tão certo quanto o fim da tarde,
É o dilúvio das nuvens carregadas.
O vento forte anuncia a tempestade,
Os guarda-chuvas quebrados saem das bolsas!

Se aproximam das cabeças,
Giram como no frevo,
Colorem as peças de roupa molhadas.

As pipas no céu caem com o peso das gotas,
As linhas se perdem.
Molhadas, as ruas se enchem de água,
Carros viram botes e peixes se espalham.

Casas viram navios de grande porte,
Avenidas viram rios pandêmicos,
Insolúveis.

O sol volta a se abrir
Para voltar a se esconder,
Enquanto anoitece.
Aos prantos, os rodos voltam a trabalhar a noite inteira.”

Zanir D' Oliveira

Cidade-Floresta

“Na cidade-floresta, sou bicho assustado.
Fácil presa, acuado por feras em festa.
A sacada do edifício é borda de despenhadeiro,
Podes despencar ligeiro, a rodar no precipício.

Sua cortina de fumaça sobe e escurece o céu.
A neblina, tênue véu, a visão embaça.
Nesta roda-gigante, sou mais um imigrante,
Sinto-me insignificante! Forasteiro destoante!

Estou num rodamoinho, no olho do furacão,
A rodar como pião girando sozinho.
Não encontro no coletivo um incentivo,
Um lenitivo para acalmar meus sentidos.

Mas se me disserem com carinho que tudo passa
E me indicarem o caminho de volta para casa,
Direi que sou pantera que cruzou uma fronteira,
Que vim ‘pra’ luta heroica com a alma estoica.

Direi que sou bicho à solta, a se embrenhar na selva.
Serei camaleão para me adaptar neste chão.
Sofrerei metamorfose até, um dia, tomar posse
Do meu lugar na festa desta cidade-floresta!”



9ª SEMANA DE ESTUDO
E LEITURA

Ação Cultural

Sábio

POETA 2020



www.estudoeleitura.com.br



estudoeleitura



estudo_leitura

PROFESSOR
ELISEUGABRIEL

PSB

o vereador da educação